

**Comunicação, linguagem e novas tecnologias:  
possibilidades de produção de ambientes da semiosfera em *Be Right Back*<sup>1</sup>**

***Communication, language and new technologies:  
production possibilities of semiosphere environments in *Be Right Back****

Nathalie HORNHARDT<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão entre tecnologia, comunicação e natureza humana a partir do episódio *Be Right Back*, da série *Black Mirror*. De acordo com Flusser (2013), o homem tem a morte como uma de suas principais ameaças e se utiliza da comunicação para se distanciar desse medo. O episódio traça um paralelo desse medo com as entranhas da tecnologia contemporânea vinculada à comunicação. Reflexões que permeiam esse contato auferem essa análise, tais como: a dependência dos seres humanos pela comunicação e linguagem por meio de autores como Flusser e Morrin; a partir da conceituação de Lótman para semiosfera e noosfera, o artigo trata do embate da paralisação de construção das informações em decorrência do alto índice de utilização das redes digitais por meio do social. Como possível saída à tal questão, propõe-se uma discussão a partir da estética e do afeto, conceitos trazidos por Parret.

**Palavras-chave:** *Black Mirror*. Semiótica. Semiosfera. Morte. Mídias sociais digitais.

**Abstract**

This article aims to reflect on technology, communication and human nature from the episode *Be Right Back*, from *Black Mirror* TV series. According to Flusser (2013), man has death as one of his main threats and uses communication to distance himself from this fear. The episode parallels this fear with the bowels of contemporary technology linked to communication. Reflections that permeate this contact receive this analysis, such as: the dependence of human beings for communication and language through authors such as Flusser and Morrin; based on the concept of Lótman for semiosphere and noosphere, this article will discuss the matter of the interruption in the construction of information due to the high rate of the socialization in digital networks. As a possible solution to this question, a discussion is proposed based on aesthetics and affection, concepts brought by Parret.

**Keywords:** *Black Mirror*. Semiotics. Semiosphere. Death. Digital social media.

---

<sup>1</sup> Primeiro episódio da segunda temporada da série televisiva *Black Mirror*, exibida primariamente na emissora britânica Channel Four.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (PPGCOM ESPM). Bolsista CAPES. E-mail: nath.hornhardt@gmail.com

## Introdução

O advento das tecnologias na contemporaneidade proporcionou alterações na forma de comunicação entre humanos. Entrelaçadas, moldaram a cultura e o comportamento social dos sujeitos. A linguagem participou e foi, de alguma forma, modificada em decorrência dessas transformações – como também modificou essas relações.

O vínculo da sociedade com as tecnologias tem se estreitado vertiginosamente. O contato do indivíduo com as ferramentas e tecnologias atreladas às novas mídias se intensificam com o passar dos dias. As redes sociais digitais, os aplicativos de mensagens, as plataformas de vídeos, entre outros, passam a ser os novos meios propagadores de informação e de comunicação entre usuários. A comunicação se torna cada vez mais instantânea por meio de linguagem textual e oral e convive com os indivíduos rotineiramente e de forma intensa. Não é de hoje que a sociedade adentra em um imaginário McLuhaniano, identificando a “mídia como extensão do homem” (McLuhan, 1974), os instrumentos midiáticos se acoplam ao corpo do homem, tais como relógios e smartphones. Além disso, essa ferramentaria tende a se acoplar aos ambientes que habitam os sujeitos, causando assim, uma espécie de relação com a informação inédita por meio de novas materialidades, como afirma Lemos (2018).

Diante desse novo cenário, questões primitivas atreladas à natureza humana adquirem uma nova roupagem. O surgimento da internet atenuou e evidenciou novos sintomas no sujeito contemporâneo. Castells (1999) salientou uma pesquisa acadêmica que evidenciou que o uso da internet aumenta as chances de afastamento, sintomas de alienação e depressão. Vale lembrar que o slogan do walkman – o primeiro aparelho portátil que permitiu ao homem ouvir música de forma isolada -, era: “Você nunca mais estará só!”. Diante da multidão, a solidão era e é uma das principais ameaças dos seres humanos, diante de seus fones em seus ouvidos, as pessoas não precisariam mais se sentir assim. De acordo com Bauman:

A dependência do ruído ininterrupto que vem do walkman aprofundou o vazio deixado pela companhia perdida. [...] O advento da internet permitiu esquecer e encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada. (2011, p. 14-15).

Ainda que a internet evidencie a noção de que o sujeito nunca está sozinho, justamente, por conta da conexão virtual ilimitada, sobrepõe-se uma relação com o medo da solidão. Castells (1999) elaborou conceitos como a sociedade do “infonimento”, em que o indivíduo está conectado o tempo todo e não tem mais uma linha que delimite trabalho de lazer, solidão de solitude. Bauman complementa:

Fugindo da solidão, você deixa de escapar a chance da *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da solitude talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu (2011, p. 17).

Uma das árduas tarefas da comunicação perante o homem e o social é causar uma espécie de distanciamento da morte, questão essa temida por muitas sociedades. Flusser (2013) descreve a arte de se comunicar como artificial ao homem, criada justamente na tentativa de negação ou distanciamento da morte. Para ele, quando o homem aprende um código, ele esquece de sua artificialidade, tornando uma espécie de segunda natureza. A codificação convencionalizada e atrelada aos signos promove ao homem uma espécie de esquecimento da primeira natureza.

Morin sustenta que a cultura de massa instaurada a partir do século XX e estabelecida até a atualidade seria um vasodilatador das relações dicotômicas entre a tranquilidade e a inquietude. De acordo com o autor: “instabilidade, depressões, até mesmo tentativas de suicídio revelam, hoje em dia, mais as dificuldades do que possibilidades da felicidade” (MORIN, 2011, p. 179).

Ainda sob essa ótica, Morin (1973) sustenta que a morte pode ser reconhecida como uma transformação de um estado em outro. Pairando entre solitude e solidão, qual o real papel da tecnologia e das novas mídias diante da linguagem e da cultura do indivíduo? Qual o poder do letramento, do texto e de seus usos perante o sujeito que se vê com fobia diante do isolamento? Onde estaria alocado o ambiente fronteiro em que ocorrem as transformações trazendo à tona novas informações?

Para Lotman (1999), é preciso haver um lugar como fronteira, uma espécie de fonte geradora de novos códigos e informações, denominado como semiosfera. Estaria ela vinculada à ambiência online ou offline? À solitude ou à coletividade? Para

ilustrar tais conexões, utilizar-se-á o episódio da série *Black Mirror*<sup>3</sup> - *Be Right Back* (primeiro episódio da segunda temporada).

### **O homem e sua relação com a anulação da linguagem**

O episódio traz à tona questões como medo da morte, recusa do luto e o falseamento das imagens virtuais atreladas a pessoas reais que se vinculam a padrões estereotipados. Nas redes sociais digitais, as pessoas criam suas próprias personificações, postando e compartilhando muito mais imagens atreladas a momentos de felicidade do que as que retratam tristezas, medos e angústias, promovendo assim, um falseamento da vida real e operando em prol da associação com determinados padrões de estereótipos.

O medo da morte é algo intrínseco ao ser humano. Tem-se medo de morrer e medo de perder entres próximos. De acordo com Morin (1973, p. 94): “a morte já é provavelmente concebida, não certamente como uma “lei” da natureza, mas como uma imposição que pesa sobre todos os vivos”. Os rituais relacionados à morte na contemporaneidade evocam a dor e a tristeza que desembocam no luto. Porém, com o advento das mídias sociais digitais, o sujeito se depara com um ambiente em que se é cada vez mais moroso salientar momentos difíceis diante de tantas imagens e textos que exibem uma performance arraigada no êxtase e no prazer.

*Be Right Back* retrata a vida de um casal que mora em uma casa, ao que parece, afastada da zona urbana. Os dois aparentam ter uma vida tranquila e agradável. Ash, o marido, demonstra ser alguém extremamente ligado à internet e tecnologia, já Martha trabalha de casa e com ela, evidencia-se uma relação com a tradição, por conta de sua profissão (ela faz algo vinculado à desenhos e arte), de sua relação com a natureza e por sua falta de vínculo com aparatos tecnológicos – a não ser quando os utiliza para trabalhar. Logo no início do episódio ocorre um acidente de carro e Ash morre.

Martha fica desolada, e durante o velório, uma amiga comenta sobre um novo sistema que funciona por inteligência artificial (IA) e rastreia todas as informações deixadas pela pessoa nas redes sociais, operadoras telefônicas e outras empresas. A partir desses rastros, o algoritmo cria um clone pessoal, tornando possível o contato

---

<sup>3</sup> Black Mirror: série inglesa criada pelo roteirista e produtor Charlie Brooker, produzida e veiculada a priori, pelo *Channel Four*, em 2011. Nos anos subsequentes, passou a ser produzida pela plataforma *Netflix*.

entre pessoas vivas via e-mail e por voz com o “duplo” digital da pessoa perdida. Esse sistema analisaria padrões narrativos e de informações compartilhados por Ash em vida, tais como áudios, imagens e textos e a partir disso, responderia “como se fosse ele” de forma bastante verossímil, já que a IA, além de captar os rastros, também gera novas informações com base em todos os dados registrados. O “duplo” funcionaria a partir da personalidade do marido. Naquele instante, Martha demonstra estar perdida e não compactua com a ferramenta compartilhada pela amiga, porém seu sofrimento é atenuado ao descobrir que está grávida. Diante dessa descoberta, Martha ativa o serviço através de um site e, com isso, ela dá início a uma espécie de anulação do luto, já que poderá trocar mensagens com o “Duplo” de Ash, por meio de chats e e-mail e entrar em contato com ele por telefone, podendo assim, ouvir sua voz.

Após fazer seu cadastro, Martha faz a primeira ligação para o “duplo” de seu marido morto. E fica perplexa, a voz, a forma de falar e de utilizar as palavras são idênticas à de Ash. Para Lemos:

A análise de dados (rastros digitais) colhidos de redes sociais e processados em sistemas de grande volume de dados (“Big Data”) permite fazer inferências e perfis muito corretos de todos nós. Esses perfis estão sendo utilizados para previsões na economia, na segurança pública, nos padrões de consumo ou de doenças, dentre outros (2018, 51).

A partir do primeiro contato que Martha tem com “Ash”, inicia-se uma saga devastadora, a personagem não consegue mais desvincular-se dele ou da comunicação que tem com ele, o que passa a ser praticamente o dia todo da rotina dela. Pode-se identificar a partir daqui uma dependência do ser humano pela comunicação e pelo ato de se comunicar com os outros. Martha não se contentou em passar e viver o luto de uma perda. No momento em que mais se sentiu sozinha, fez a tentativa de voltar a ter Ash consigo. Morin afirma que: “Os ritos da morte exprimem, reabsorvem e exorcizam um traumatismo provocado pela ideia da redução ao nada” (1973, p. 95), e a personagem não conseguiu passar por isso.

Salienta-se então uma nova vivência entre Martha e o “pseudo-Ash”, seu espectro, o duplo. Para Morin, o duplo estaria atrelado ao código imagético: “a imagem não é só uma simples imagem, mas contém a presença do duplo do ser representado e permite, por seu intermédio, agir sobre esse ser” (1973, p. 99). Para tal, a imagem de

Ash estaria em trânsito na imaginação de Martha, já que as conversas entre os dois ocorrem apenas por ligações de áudio ou por mensagens de texto. Morin afirma que o objeto adquire uma certa existência mental, mesmo quando não se está na presença dele, o que justificaria a eterna imagem de Ash diante da memória de Martha.

Lemos (2018) ressalta a importância de que o caráter fantasmagórico da interação está presente em todas as formas de comunicação que são mediadas, “pois são sempre processos de superação de constrangimentos do tempo e do espaço (p. 51). Essa dimensão fantasmagórica está presente desde os tempos massivos, como o cinema, a televisão e o rádio, como apontou Derrida (2001). Indo adiante, é possível dizer que ela está presente desde a escrita, justamente quando um discurso, um texto ou uma narrativa se descola de um corpo e avança no tempo e no espaço. Seria justamente um descolamento entre corpo e alma. É possível afirmar na contemporaneidade, que todas as mídias, desde as tradicionais até as chamadas novas mídias, como forma de trazer ao presente textos, vozes e imagens de outros tempos e espaços, produzem fantasmagorias.

O que causa estranhamento em *Be Right Back* é a ausência de Ash em decorrência de sua morte. Estender um diálogo, de forma real, por meio de aparatos tecnológicos, com alguém que não está mais entre os vivos ainda não é algo comum na contemporaneidade.

### **O poder da linguagem na criação da identidade e do estereótipo**

É possível identificar o texto como ferramenta legitimadora do sujeito. Como consta no episódio, Martha não se contenta em viver e rememorar as lembranças, fotografias e recordações de seu companheiro, para ela a memória é insuficiente. Evidencia-se assim, o ato de se comunicar e o texto como forma de poder, poder esse sobressalente à exclusão do sentido da morte, do luto e da relação com o mistério do desconhecido. Para Barthes: [...] “a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado. Só se pode sair dela pelo preço do impossível: pela singularidade mística [...]” (1989, p. 14). Com certa clareza, observa-se que a personagem fica presa aos aparatos da linguagem e se torna refém de uma comunicação com algo que remete à uma pessoa, mas não o é de fato.

Em uma cena específica, Martha - que vive em constante contato com o espectro por meio de uma ligação de áudio, a qual se conecta pelos seus fones de ouvido e

smartphone -, vai até uma clínica médica realizar o exame de ultrassonografia para acompanhar sua gestação. A personagem grava todas as imagens do exame para depois encaminhar ao duplo digital do “marido”, ao sair da clínica, deixa seu celular cair e entra em pânico, como se tivesse matado o próprio sujeito. Ao reestabelecer contato, ela afirma que o deixou cair, como se o próprio celular fosse a representação do sujeito.

O próprio do ritual mágico, no *Homo sapiens*, é de se dirigir não só diretamente aos seres de que se espera uma resposta, mas também às imagens ou símbolos, que se supõe localizarem em si, duma certa maneira, o duplo do ser representado (Morin, 1973, p. 99).

Após algum tempo de interação entre Martha e o duplo digital de Ash, surge uma nova possibilidade: por telefone, o espectro afirma que o sistema lançou uma nova fase, ainda que experimental, do produto que ela faz uso: “um corpo artificial fenotipicamente idêntico ao dele que, com a implantação da IA, poderia trazê-lo de volta (LE MOS, 2018, p. 52). Ela resolve testar e encomenda o artefato. O “boneco” chega em uma caixa, ao abrir, ela segue as instruções: deixar o item em uma banheira por algum tempo. Depois de alguns instantes, Martha se assusta ao se deparar com algo (ou alguém) idêntico ao seu marido. De acordo com Lemos: “Esse boneco não é nem um robô, nem um ciborgue, mas uma espécie de ‘replicante’ (como os do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott – 1982), só que com a inteligência e a personalidade de Ash” (2018, p. 52).

O duplo digital – agora em terceira dimensão – se comporta de acordo com os rastros deixados por Ash ainda em vida na internet e redes sociais. Como já foi dito, costuma-se propagar nas redes apenas informações relacionadas à boa vida, alegrias e felicidades e não podia ser diferente com o marido de Martha. O boneco foi manipulado de forma digital para ser bondoso, subserviente e prestativo, assim como era uma parcela da vida de Ash. Quando Martha e o “boneco-humano” decidem fazer sexo, ele tem que baixar vídeos pornográficos da rede direto para seu diretório, justamente porque não tinha nenhuma referência, já que o marido de Martha não tinha exposto sua performance sexual nas redes sociais digitais.

A convivência entre os dois se torna artilosa, justamente porque a esposa de Ash se vê diante de um perfeito padrão estereotipado, em carne e osso. Algo palpável, mas que aos olhos dela, foge do real, do verdadeiro, do que era seu marido em vida. Talvez se valide a afirmação de que com o advento da internet, das novas mídias e das redes

sociais digitais, novos padrões e estereótipos foram criados ou intensificados e culturalizados.

Hoje a estereotipia vinculada às redes sociais digitais concerne a felicidade como regra maior. São esses fragmentos que o sujeito exhibe diante dos outros nas esferas públicas e principalmente atreladas às redes virtuais. No episódio pode-se constatar um afastamento entre esfera pública e privada, justamente por conta, do distanciamento da residência do casal da zona urbana, entre quatro paredes, opera-se diante de facetas identitárias distintas daquelas que optamos por expor e mostrar diante do social. Para Bosi (1977), as imagens que o sujeito opta por mostrar dele mesmo, as narrativas, bem como, os fatos contados, os próprios pensamentos e o discurso cotidiano são alimentados e nutridos pela confiança social. Eis que salienta-se o processo de estereotipia: “os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência” (p. 116). Antes mesmo de enxergar, o indivíduo já está completamente abarrotado de ideias e padrões advindos do social, ele primeiro padroniza e depois enxerga, complementa Lippmann (1972). E ainda assim, quando vê, enxerga apenas uma faceta: “De qualquer acontecimento público que exerça amplos efeitos, na melhor das hipóteses, só vemos uma fase e um aspecto (p. 149). Justamente, porque os tipos que são aceitos, as versões que seguem pela cultura e os padrões correntes interrompem a informação no trajeto que culmina na consciência.

A criação de tais padrões ideológicos e estereotipados se entrelaçam com a linguagem e seu poder. Para Barthes, o poder se imbrica por muitas das entranhas do social, inclusive pela língua e pela linguagem.

Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. (1989, p. 10).

Ainda segundo Barthes:

Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua. A linguagem é uma legislação, a língua é seu

código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva: ordo quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação. (p. 11).

Para Bakhtin (1929), tudo que gira em torno da linguagem é de ordem social. O que faz a vida do indivíduo e do coletivo é o contexto, o tecido social, que por sua vez é confeccionado por signos e códigos, e para o autor todo signo se compõe por ideologias: “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (p. 33). Portanto, é a situação social que está ali presente – o contexto –, bem como o meio social que permeia a situação ou o cotidiano ao qual o sujeito está inserido que estabelecem, alicerçado pelo seu próprio intelecto, a estrutura da enunciação e seu comportamento perante o mundo.

Em *Be Right Back* vê-se uma suposta escravização de Martha pela linguagem e pelo que é imaginado e idealizado diante do contato via telas – de computador, smartphone. Quando a personagem se vê diante de um “boneco” que faz a vez de seu marido, já que contempla a mesma aparência, a mesma voz, os mesmos jargões, piadas e a mesma forma em que ele se expressava na esfera digital, Martha se perde, justamente por não se contentar com apenas um pedaço do que era ser marido. Martha se perde em meio à previsibilidade do “duplo Ash tridimensional”. É possível afirmar que a comunicação via aparatos e mídias sociais digitais estaria anulando ou enfraquecendo o contato dos humanos com as problematizações da natureza humana oriundas da vida real? Estariam as redes sociais digitais operando pela ambiência da noosfera?

### **Redes sociais e o seu real lugar: Semiosfera x Noosfera**

Todo fenômeno atrelado à cultura só exerce sua funcionalidade porque também é um fenômeno exequível de comunicação, e se comunica justamente por meio da estruturação da linguagem, a partir disso, como discorre Santaella (1989): “pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido” (p. 12). Portanto, não só a vivência é uma espécie de linguagem, como também, as formas e sistemas de linguagem acomodam-se como sistemas vivos se readaptando, se regenerando e se transformando de acordo com a cultura ao qual se engendra.

Para Lótman (1999), a cultura deve ser identificada como um processo de comunicação antes mesmo de ser um processo linguístico. O autor traz o conceito de semiosfera justamente para pensar e analisar a semiótica da cultura. Seria como uma “esfera de produção dialógica e pensante da cultura que se pretende tratar [...] o campo conceitual da semiosfera (MACHADO, 2007, p. 58).

A cultura opera o tempo todo e se transforma a partir do momento em que dá vazão e abre espaço para a reflexão e produção de novas informações. Estaria o contato com as novas tecnologias prejudicando esse processo? O fácil acesso à informação, a excessiva quantidade de imagens dentro das telas estaria prejudicando a capacidade do ser humano de pensar e provocar ressignificações sógnicas? É o que parece, pelo menos no episódio aqui evidenciado. À não-cultura, Lótman denomina como noosfera. O autor alega que o que é identificado como cultura para alguns pode não ser cultura para outros.

Como foi visto anteriormente, a convivência entre Martha e o clone de Ash não foi boa, visto que ele não passava de uma versão subserviente e asséptica da versão humana. Ao sentir arrependimento de ter sido impulsiva e ter concordado com a vinda do “boneco” à sua casa, Martha não sabe como solucionar o problema. O clone é incapaz, não é humano, ainda que com a aparência idêntica e com a memória legítima de Ash, aquela captada a partir dos dados rastreados das redes sociais digitais, o duplo em terceira dimensão, não tem capacidade de remontar um indivíduo em toda a sua completude e singularidade. Diante desse período amórfico, à miúde, congelado, em que Martha só teria convivência com o “boneco” de Ash, estaria ela à deriva, coabitando diante da noosfera?

Diante do desejo de romper com tal situação, Marta decide “matar” o duplo tridimensional de Ash, mas defronte à tal atitude, não tem coragem. A solução que encontra é arquivar o clone no sótão, ainda que ligado, com bateria – uma espécie de vida. Ao arquivar o duplo de seu marido, estaria Martha bloqueando o processo de semiose? (LÓTMAN, 1999). De acordo com Machado, deve-se analisar “a cultura como dispositivo pensante; semiose como ação inteligente e produtiva: essas são as duas faces de um mesmo problema de fundo nos estudos sobre semiosfera” (2007, p. 59). Ao arquivar algo, o sujeito tende a gerar uma espécie de esquecimento em decorrência da anulação do convívio com o objeto em si, gerando assim, a possibilidade de estagnação sógnica e do código. Para Lótman: “a tarefa primordial do sistema

semiótico, o que lhe define enquanto tal, é a produção da mensagem nova, “um intelecto *sui generis*, fruto da consciência de um mecanismo coletivo” (MACHADO, 2007, 63).

É notório repensar a utilização das novas tecnologias que possivelmente chegarão diante da contemporaneidade, para que assim, o indivíduo possa fazer bom proveito de seus usos, da linguagem e de sua transformação em seus ambientes fronteiriços. Como afirma Machado (2007, p. 67): “De Mikhail Bakhtin a Iúri Lótman, o texto é a semiose fundamental da cultura”. De frente à tamanha importância do texto e de sua relação com a cultura, quais seriam as possibilidades para tais usos das novas mídias e tecnologias sociais digitais?

### **As redes digitais como fontes geracionais de novos formatos e conteúdos**

Diante da contemporaneidade, tem-se uma vida social com intensa mediação técnica, rapidez na disseminação de informação e com isso, uma produção de rastros digitais considerável. Vale salientar que, na atualidade, real e virtual se complementam, anulando a noção de que a vida virtual é falsa ou uma mentira. Na presença da virtualidade, como já foi mencionado, o sujeito aponta e compartilha fragmentos de sua vida. A partir desse regime de “controle” (DELEUZE, 1992), é possível prever comportamentos em todas as esferas da vida social do sujeito, e ainda, trazendo à tona ao consumidor, uma experiência – falseada - de liberdade e escolha. Diante disso, será que não seria válido repensar as noções de uso das redes sociais digitais, bem como, a apropriação dos estereótipos advindos pura e exclusivamente da ambiência digital?

Para Serres (2001, p. 21): “A alma e o corpo não se separam, mas se misturam, inextricavelmente, mesmo na pele. Assim, dois corpos misturados não formam um sujeito separado de um objeto”. É possível que nenhuma tecnologia possa ou venha ser capaz de reconstruir ou produzir a singularidade fidedigna do ser humano, justamente por não poder prever mudanças de comportamento e sutis nuances atreladas ao futuro de um indivíduo. De acordo com o episódio aqui explorado, essa similitude ao ser humano desenvolvida pela tecnologia falhou, sobretudo ao pensar na relação de Martha – ou a falta dela. Seria preciso ressignificar alguns tabus da sociedade em que se vive, justamente, para que o medo não seja o impulso para a utilização de determinadas ferramentas atreladas às novas mídias?

Como afirma Flusser (2009), toda a utopia técnica transita diante de nossa fraqueza para com a morte. A comunicação e a utilização da linguagem seriam mecanismos para que a sociedade pudesse lidar com a inevitabilidade da morte. Nas palavras do autor:

A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos. Os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira não ‘natural’ [...]. O objetivo da comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e ‘incomunicáveis’ [...]. A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte (2009, p. 89-90).

Seria uma possibilidade diante dessa problemática, a estetização da vida? De acordo com Parret (1997), a estética diante do cotidiano não implicaria necessariamente em privatização ou individualização. A estetização não domesticaria a experiência do heterogêneo, do diferente, pelo contrário as integraria, trazendo à tona uma consciência da heterogenia, possibilitando uma diferenciação entre leituras homogêneas. O autor belga salienta ainda que a governabilidade das razões e paixões atreladas ao cotidiano se dá por sistemas de valor e não por um entendimento objetivo e pragmática. Ora, diante dessa reflexão, estaria o autor indo na contração da operação mecânica e matemática do sistema de rastreamento de informações?

Diante do episódio *Be Right Back* vê-se uma personagem que não se satisfaz com o “boneco-clone” de seu marido morto. O rastreamento de informações e a fisionomia idêntica não foram suficientes para Martha, justamente porque antes da comunicação racionalizada, o ser humano é associado e necessita de uma comunicação estética, tátil – extralinguística. Segundo Parret (1997) essa comunicação estaria atrelada à categoria estética, que nos serve de valoração legitimadora de toda prática intersubjetiva vinculada à vida cotidiana. O afeto e o juízo reflexivo precedem a argumentação. Diante disso, deve-se estreitar a relação com as técnicas em prol de uma relação prévia de afeto? Mas afinal, a sociedade contemporânea e envolta pelo neoliberalismo teria condições de se desfazer dessas relações com a ambiência digital?

## Considerações finais

A temática aqui explorada pontua um questionamento acerca da utilização das redes digitais no cenário social. Mas como seguir à frente com isso, se a sociedade e seus dados rastreados estão sob o domínio de grandes empresas privadas? Seria possível reduzir ou bloquear os laços dos sujeitos na esfera social da tecnicidade e das redes? Talvez essa não seja mais a questão a ser refletida diante do crescimento exponencial da tecnologia atrelada à comunicação. A discussão cerceada aqui leva em conta a utilização social das tecnicidades que englobam o poder de comunicação diante das redes digitais.

No episódio em questão, Martha poderia - antes de contratar os serviços que trouxeram o “duplo” de seu marido de volta -, ter se contentado em aceitar a morte de Ash. Atualmente, ao se deparar com a perda de alguém próximo, o sujeito contemporâneo ainda operacionaliza o luto como um momento de reflexão e sofrimento, podendo a partir daí, ressignificar a ausência. Diante da sociedade atual, o sujeito se depara com a obrigatoriedade da felicidade e com isso, tem-se a sensação de que a cada dia que passa, os sofrimentos e as dores são amenizados com as redes sociais digitais. A verdade é que, independente, dessa subordinação do sujeito às tecnologias, não haveria a necessidade de uma reconstituição física de alguém que já morreu. Como afirma Lemos (2018, p. 56):

Esta opção, paradoxalmente, seria a própria negação da vida. É difícil aceitar a morte de entes próximos e queridos. Martha não aceita, não faz o luto e o quer de volta. O final é surpreendente, pois apesar da consciência de uma relação sem sentido, Martha resolve mantê-lo, guardando-o em um porão, como os velhos álbuns de fotografia, ou objetos do passado. A filha deles interage com o clone, mas não o chama de pai, apontando para uma inserção na família como um objeto de memória, e não como o marido ou o pai.

O final do episódio causa certo desconforto, pois mesmo sabendo que o “duplo Ash” não é um ser humano, é incômodo observá-lo como um objeto esquecido no sótão, algo pertencente ao ambiente da noosfera, como afirma Lótmán, impossibilitando o trânsito fronteiro para a criação e concatenação de novas ideias, relacionada à semiosfera.

Diante de *Be Right Back*, observa-se o processo da divisibilidade: “o episódio foca em um modelo de replicação da existência que se mantém preso à representação de uma individualidade fechada” (LEMOS, 2018, p. 57). Ainda de acordo com Deleuze (DELEUZE, 1992 *In* LEMOS, 2018, p. 57): “Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’”. Em contramão a esse panorama refletido pela contemporaneidade, Parret afirma a necessidade da relação do indivíduo com o sensível, com a estética, por meio de uma comunicação dos afetos. Porém, diante da privatização dos dados, das informações rastreadas, a sociedade estaria atada à indústria da comunicação racionalista, discursiva e neoliberalista.

Finaliza-se essa discussão não com um ponto final, mas sim, com interrogação e uma possível reflexão do que está por vir em um futuro próximo. Não teria como finalizar este artigo senão com a comunicação do afeto, da estética e poética, pelas palavras de Serres (2001, p. 15 e 32): “(...) para se libertar desse barco é preciso procurar sua alma no paiol, no lugar onde o fogo é verdadeiramente perigoso, num dia de desespero [...] Uns olham, contemplam, veem; outros acariciam o mundo ou se deixam acariciar por ele, atiram-se, enrolam-se. banham-se, mergulham nele e as vezes se esfolam.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009. 13 ed.

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BAUMAN, Sigmund. **44 cartas do mundo líquido moderno**. São Paulo: Editora Zahar, 2011.

BROOKER, Charlie. **Acho ótimo que ‘Black Mirror’ provoque terror**. É disso que se trata. Entrevistador: Ángel Ramos. El País, Madrid, 25 out. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649\\_428143.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649_428143.html). Acesso em 12 jun. 2019.

BOSI, Eclea. **A opinião e o estereótipo**. Contexto. São Paulo: Hucitec, n.2., 1977.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**. In: DELEUZE, G., **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Le Cinéma et ses fantômes. Interview with A. De Baecque & T. Jousse**. Cahiers du Cinéma, p. 75-85, Abr. 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LEMOIS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação**. Salvador: EDUFBA, 2018.

LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972. p.151.

LOTMAN, Iúri. **La semiosfera**. vol.1. Madrid: Cátedra, 1999.

MACHADO, Irene. (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX. O espírito do tempo: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa América, 1973.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação: além da pragmática**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

### Referência audiovisual

**Be right back**. Direção: Owen Harris. Roteiro: Charlie Brooker. *In*: Black Mirror: the complete second series. Netflix, 2015